

**Análise linguística, ensino e formação em contextos multilíngues:
reflexões à luz da Sociolinguística e dos Estudos Dialógicos da
Linguagem**

**Linguistic analysis, teaching and training in multilingual contexts:
reflections in the light of Sociolinguistics and Dialogical Language
Studies**

Maridelma Laperuta-Martins¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Foz do Iguaçu

Mariangela Garcia

Lunardelli²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Foz do Iguaçu

Resumo

O Grupo de Pesquisa Análise Linguística, Ensino e Formação (ALEF)/CNPq foi criado com três objetivos: i) trabalhar aspectos linguísticos (em níveis lexicais, semânticos, morfossintáticos, de variação); ii) propor didatizações (materiais didáticos, metodologias de análise linguística, leitura, escrita, produção e refacção textuais); iii) oferecer formação continuada a professores da educação básica. Para este artigo, selecionamos seis pesquisas já realizadas e concluídas, as quais perpassam esses objetivos. As metodologias utilizadas são todas de abordagem qualitativa, de natureza básica e/ou aplicada, com procedimentos que variam desde pesquisa bibliográfica e documental a pesquisas de campo – levantamento, etnográfica, estudo de caso, pesquisa-ação. Duas teorias-chave são condutoras das análises: a Sociolinguística, a partir de Labov, e os Estudos Dialógicos da Linguagem, via Círculo de Bakhtin. Sobre as pesquisas aqui discutidas, sintetizamos os resultados em três considerações: i) a carência do conhecimento e da aplicação da teoria Sociolinguística por docentes e pela educação básica de forma geral; ii) a concretização de configurações de diversos gêneros do discurso e suas didatizações em sala de aula; e iii) a proposição urgente de políticas públicas educacionais voltadas para acolhimento de (i)migrantes nas escolas da educação básica em Foz do Iguaçu – PR.

Palavras-chave: Estudos Dialógicos da Linguagem. Sociolinguística. Contextos Multilíngues. Gêneros discursivos

¹ Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *campus* de Foz do Iguaçu e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino (PPGEn). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa e Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, CAR. Líder do Grupo de Pesquisa Análise Linguística, Ensino e Formação (ALEF) (Capes/CNPq). <http://orcid.org/0000-0001-5653-7868>

² Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *campus* de Foz do Iguaçu e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino (PPGEn). Doutora e Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Análise Linguística, Ensino e Formação (ALEF) (Capes/CNPq) e coordenadora do projeto de pesquisa “Práticas de linguagem, ensino e formação de professores em contextos multilíngues: estudos sociolinguísticos e dialógicos”. <https://orcid.org/0000-0002-2666-3350>

Abstract

The Linguistic Analysis, Teaching and Training Research Group (ALEF)/CNPq was created with three objectives: i) work on linguistic aspects (at lexical, semantic, morphosyntactic and variation levels); ii) propose teaching (teaching materials, linguistic analysis methodologies, reading, writing, textual production and reworking); iii) offer continuing training to basic education teachers. For this article, we selected six studies that have already been carried out and completed, which meet these objectives. The methodologies used are all qualitative, basic and/or applied, with procedures that range from bibliographic and documentary research to field research – survey, ethnographic, case study, action research. Two theories drive the analyses: Sociolinguistics, based on Labov, and Dialogical Language Studies, via the Bakhtin Circle. Regarding the research discussed here, we summarize the results in three considerations: i) the lack of knowledge and application of Sociolinguistic theory by teachers and basic education in general; ii) the implementation of configurations of different speech genres and their teaching in the classroom; and iii) the urgent proposal of public educational policies aimed at welcoming (im)migrants in basic education schools in Foz do Iguaçu – PR.

Keywords: Dialogical Language Studies. Sociolinguistics. Multilingual Contexts. Discursive genres

Introdução

Este artigo tem por objetivo expor alguns dos resultados das pesquisas que têm sido realizadas pelo grupo Análise Linguística, Ensino e Formação (ALEF)/CNPq, cujas origens se deram em 2015, com a necessidade de desenvolvermos atividades de estudo e pesquisa em análise linguística, pelos caminhos teóricos da Sociolinguística, a partir de Labov, e dos Estudos Dialógicos da Linguagem, via Círculo de Bakhtin. Todas as pesquisas referem-se a orientações de mestrado ocorridas no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEEn), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *campus* de Foz do Iguaçu. Cada uma delas perpassa algumas áreas específicas como variação e preconceitos linguísticos, ensino de língua portuguesa, ensino de língua portuguesa adicional, políticas linguísticas de ensino na fronteira, propostas didáticas de gêneros discursivos, entre outras.

No escopo do Grupo de Pesquisa ALEF, compreendemos a análise linguística, de forma geral, como análise dos elementos – materialidades – pertencentes a um sistema linguístico. A prática de análise linguística caracteriza-se por ser o maior movimento de transição de trabalho com a língua portuguesa no contexto escolar/acadêmico, nos últimos 40 anos. Da revisão crítica do ensino de gramática normativa/metalinguística nas escolas à gramática aplicada aos textos, da (in)compreensão do conceito aos encaminhamentos didático-metodológicos, dos livros didáticos aos currículos acadêmicos, passando pela designação controversa da BNCC (Brasil, 2017), a análise linguística movimenta-se, reverbera-se, permeada de sentidos vários, interpelada pelas diversas teorias de linguagem.

Partindo dos postulados de Bakhtin e o Círculo, sob a ancoragem dos Estudos Dialógicos da Linguagem, no âmbito brasileiro, e da Sociolinguística, no entendimento da língua viva, língua-discurso, língua dos textos-enunciados dialógicos, compreendemos a prática de análise linguística/semiótica (PAL/S)³, mediada e concretizada pelos gêneros discursivos e pela variação linguística.

Para este artigo, selecionamos seis pesquisas já finalizadas para expormos os resultados obtidos por cada uma delas. Como questão de ordem, dividimos este artigo em três seções, além desta introdução. Na seção seguinte, “A Sociolinguística como fundamento para análises”, apresentamos a teoria Sociolinguística e como ela conduziu duas pesquisas que resultaram nas dissertações: “A base nacional curricular – uma análise à luz da sociolinguística educacional” (Zwirtes, 2020), e “A variação linguística nas aulas de língua portuguesa: um estudo à luz da sociolinguística educacional” (Freitas, 2022).

Na seção intitulada “Os Estudos Dialógicos da Linguagem: configuração e didatização de gêneros discursivos”, abordamos o trabalho de estudo/ensino de e com gêneros discursivos para as aulas de língua portuguesa, via conceitos advindos do Círculo de Bakhtin e de estudos brasileiros dessa vertente dialógica. E tecemos considerações acerca das pesquisas: “O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de língua portuguesa” (Mendes, 2022) e “Uma proposta didática do gênero discursivo haicai brasileiro infantil para os anos iniciais do ensino fundamental” (Barros, 2023).

A terceira e última seção, “Estudos multilíngues em escolas (ainda) monolíngues”, discorre sobre duas pesquisas que exploram e analisam o ambiente multilinguístico da cidade de Foz do Iguaçu, fronteira do Brasil com Paraguai e Argentina – um lócus extenso para pesquisas sobre línguas maternas, estrangeiras, línguas de contato, acolhedoras: “O ensino de língua portuguesa no contexto multilíngue de Foz do Iguaçu: uma proposta didática” (Veber, 2024) e ““Na escola sou brasileiro e lá em casa sou árabe”: a escola pública iguaçuense nos interstícios das línguas e culturas” (Nascimento, 2023). Nas considerações finais, evidenciamos a relevância do Grupo de Pesquisa ALEF para o desenvolvimento das investigações, para o PPGEn e a universidade em que atuamos.

A Sociolinguística como fundamento para análises

A variação linguística é o conjunto de diferentes formas de uso da linguagem que existe em todas as línguas naturais. Entre outras, essa variação se refere ao fato de que uma mesma palavra ou expressão, pode ser usada de diferentes maneiras, dependendo da intenção do falante. Além disso, a escolha de palavras ou expressões pode ser mais formal ou informal, mais adequada ou inadequada, conforme o contexto em que são usadas. Em outras palavras, o falante não é apenas um receptor passivo; ele navega pelas diversas variantes de sua língua para se expressar da forma mais eficaz, conforme seus objetivos. Essa pode ser uma síntese da base da Teoria Sociolinguística (Labov, 1972), há muito já utilizada como fundamentação teórica e metodológica para pesquisas linguísticas.

³ Recorremos à denominação PAL/S, considerando, no seu bojo, o que definem Costa-Hübes e Acosta Pereira (2022, p. 6): “neste texto, empregaremos “Prática de Análise Linguística/Semiótica” (PAL/S) sempre que nos referirmos a essa prática, independente do momento histórico em que esteja situada”.

A teoria Sociolinguística serve para estudar a relação entre a língua e a sociedade. Investiga como fatores sociais, como classe social, gênero, idade, etnia e contexto cultural, influenciam o uso da língua e as variações linguísticas. Busca entender como essas variações refletem e reforçam identidades sociais, bem como o uso da linguagem pode ser uma forma de expressão de poder, solidariedade ou exclusão.

Além disso, a Sociolinguística também analisa como a língua muda ao longo do tempo e como as mudanças linguísticas estão relacionadas a mudanças sociais. Ao estudar a língua em seu contexto social, ela nos ajuda a compreender melhor as dinâmicas de comunicação em diferentes grupos e comunidades, e como a linguagem contribui para a construção e manutenção de estruturas sociais.

E é exatamente por essas possibilidades diversas que essa teoria foi escolhida para fundamentar as seguintes pesquisas que referimos na sequência.

A base nacional curricular - uma análise à luz da Sociolinguística Educacional

Esta pesquisa foi realizada com objetivo de analisar o currículo de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) verificando se as práticas de linguagem se articulam com os princípios da Sociolinguística Educacional e, caso se articulem, como isso é realizado. A escolha da teoria Sociolinguística se deve pela compreensão de língua a partir de sua relação com sujeitos reais, e como representação de suas transformações sociais, culturais, de classe.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que visa a estabelecer um currículo comum para todos os estudantes da Educação Básica no Brasil, já está em vigor em todo o país. Esse currículo foi desenvolvido a partir de debates e discussões organizados pelo MEC em colaboração com instituições privadas (Macedo, 2014), com o objetivo de responder às demandas do mercado, mantendo a hegemonia e preparando mão de obra qualificada. Enraizada no discurso e na lógica neoliberal, a BNCC atribui à educação características de mercantilização: estabelecendo metas a serem alcançadas, avaliações em larga escala, padronizações, *rankings*, méritos e recompensas (Gerhardt, 2019). Dessa forma, entende-se que a BNCC não atende às necessidades reais de uma educação emancipatória, contradizendo-se ao se apresentar como a solução para os problemas educacionais.

Diante disso, surgem questionamentos sobre as consequências da implementação de um currículo comum: Como o ensino da língua materna é abordado em um currículo com interesses tão específicos? É possível aplicar um currículo comum de ensino da língua materna em um país tão plurilíngue como o Brasil? Para a tentativa de responder a essas questões, a pesquisa aqui relatada foi estruturada em três seções.

A primeira seção trata da contextualização do processo que levou à criação da BNCC. A ideia de um currículo mínimo foi proposta desde a Constituição de 1988 e a LDB de 1996. No entanto, as propostas curriculares que circularam pelo sistema educacional brasileiro até então eram apenas recomendações e sugestões governamentais. Com a homologação da BNCC em 2017, o currículo nacional adquiriu caráter normativo e se tornou obrigatório para todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil e Básica. Além dessa obrigatoriedade, observa-se que a BNCC foi criada para atender a

certos interesses que, por vezes, não coincidem com as necessidades das escolas públicas em promover uma educação transformadora e emancipatória.

A segunda examina as teorias curriculares que influenciaram a formação do currículo brasileiro em comparação com a BNCC. Fundamentada em teorias curriculares que defendem o eficientismo, a formação de sujeitos como mão-de-obra não crítica e a avaliação em larga escala, além de se basear na Pedagogia das Competências, a BNCC propõe uma falsa ideia de condições e oportunidades iguais de acesso à educação em todo o país. Contudo, essa proposta responsabiliza escolas e professores por garantir esse acesso, justificando, assim, possíveis fracassos na vida adulta dos alunos.

No terceiro e último ponto, o ensino da língua portuguesa no Brasil é abordado a partir da perspectiva da Sociolinguística Educacional. A análise do currículo de português para os anos finais do ensino fundamental revela que a nova proposta curricular aparentemente adota os princípios da Sociolinguística Educacional. No entanto, o foco real da proposta curricular da BNCC é atender às demandas do mercado e aos exames de avaliação em larga escala.

Por meio de uma análise crítica de conteúdo baseada em autores como Alves (2000, 2014), Bortoni-Ricardo (2005), Duarte (2010), Ladson-Billings (1995), Lopes e Macedo (2010, 2011), Macedo (2014, 2018), Malanchen (2014), Perrenoud (1999, 2000), Ramos (2006) e Silva (2001), argumenta-se que a BNCC é mais uma ferramenta dos mecanismos de controle e da manutenção da divisão de classes.

A variação linguística nas aulas de língua portuguesa: um estudo à luz da sociolinguística educacional⁴.

Esta investigação partiu da ausência de pesquisas de levantamento que indicassem com precisão as crenças e atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa de escolas públicas da cidade de Foz do Iguaçu – PR.

A Sociolinguística, como já mencionado, apesar de ser uma teoria relativamente recente (com os trabalhos de Labov, entre outros, na década de 1960), possui grande quantidade de pesquisas realizadas sob sua orientação. Porém, encontra-se uma lacuna quando procuramos entender o que os professores da educação básica de Foz do Iguaçu entendem sobre questões relacionadas à diversidade e mudança linguísticas. A necessidade de se abordarem e discutirem questões de variação linguística, dentro de sala de aula, faz-se presente em decorrência da grande valorização da tradição gramatical, que pode ocasionar o preconceito linguístico, ainda provocado e sofrido pela maioria dos falantes.

A partir disso, a pesquisa procurou verificar como os(as) professores(as) afirmam que ocorre o ensino de Língua Portuguesa, nas aulas do ensino fundamental II e ensino médio de colégios estaduais da cidade de Foz do Iguaçu, no que diz respeito às questões de preconceito, variação e mudança linguísticas. Realizou-se, então, um levantamento de o que os professores de Língua Portuguesa afirmam fazer nas aulas de Língua Portuguesa sobre o que se refere a essas questões e analisaram-se suas respostas à luz da Sociolinguística

⁴ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Unioeste – número do protocolo: 44460421.5.0000.0107, parecer número: 4622481.

Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004; 2005), além de Antunes (2007), Martelotta (2011), Tarallo (2007) e Weinreich, Labov e Herzog (2006), desvelando juízos de valor positivos ou negativos em relação aos pressupostos da Sociolinguística e ao ensino da Língua Portuguesa. Para tal feito, uma vez que a pesquisa foi toda realizada durante a pandemia da *SARS-Cov2*, utilizou-se um questionário *online* como ferramenta de coleta de dados.

O questionário enviado aos professores foi dividido em seis blocos temáticos: Bloco I – *Apresentação* (que intentou saber da formação dos professores); Bloco II – *Teoria* (com questões sobre a compreensão dos professores a respeito da Sociolinguística); Bloco III – *Formação continuada* (para saber o quanto e como os professores continuam seus estudos e se há estudos sobre a Sociolinguística); Bloco IV – *Crenças* (com questões que intentam desvelar o que eles pensam sobre certo e errado da língua, variação e mudança linguísticas); Bloco V – *Documentos* (para compreender se os professores concordam com ou discordam da BNCC, e os documentos regionais como Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) e Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE), e se os levam para sua prática pedagógica diária); Bloco VI – *Prática* (para verificar as perspectivas e os desafios em relação ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa, a correção textual e o material didático utilizado como suporte para as aulas).

Com base em experiências empíricas, inicialmente foi postulado que o ensino de língua portuguesa nas escolas, inclusive em Foz do Iguaçu, fosse majoritariamente centrado na gramática tradicional, desconsiderando aspectos essenciais de variação e mudança linguísticas. No entanto, as análises revelaram que apenas uma pequena parte dos professores afirmou adotar essa abordagem. Ainda assim, isso não permite a constatação de que essa é a realidade predominante, pois, além de se tratar de "afirmações" e não de "observações" diretas em sala de aula, foram encontradas contradições nas respostas dos docentes. Isso induz à interpretação de que, embora possa parecer que uma grande parte dos participantes baseia suas aulas em princípios sociolinguísticos, não se pode confirmar essa prática. Além disso, devido à negligência do Estado, à falta de investimento e à desvalorização da educação pública, muitos professores ainda carecem de recursos e de um conhecimento mais aprofundado sobre os conceitos sociolinguísticos e sobre como aplicá-los em sala de aula.

Os Estudos Dialógicos da Linguagem: configuração e didatização de gêneros discursivos

A prática de análise linguística/semiótica (PAL/S), entre outras práticas – leitura, escrita, oralidade –, de base dialógica, incorpora “conceitos como discurso, cronotopo, gêneros do discurso, enunciado, ideologia, valoração, entre outros, por compreender que a PAL/S deve extrapolar os limites do texto-enunciado e considerar, na análise, todo o contexto que o constitui” (Costa-Hübes; Acosta Pereira, 2022, p. 10).

Ao assumirmos aqui, em consonância com os estudos sobre a PAL/S (Acosta Pereira, 2022; Costa-Hübes, Acosta Pereira, 2022; Lunardelli, 2020, 2021, entre outros), a impossibilidade de um processo descontextualizado, acrítico e apolítico, a partir dos postulados nos quais nos alicerçamos (Bakhtin, 2013, 2016; Volóchinov, 2017, 2019), a didática sobre a qual se constroem as propostas de trabalho para o ensino de gêneros discursivos nas aulas de língua portuguesa, incluindo as práticas de leitura, escrita, oralidade

e, em especial, a PAL/S, não deve ser desvinculada do contexto político-cultural-social em que se encontra a escola em determinado cronotopo.

Balizada por essa perspectiva, tanto pedagógica como didaticamente, os gêneros discursivos – suas configurações e didatizações – e o trabalho com a PAL/S se estabelecem como força centrífuga, em oposição às forças centrípetas das análises sistematizadoras normativas, acentuadamente metalinguísticas, e das pseudoanálises textuais a-históricas engendradas pelos documentos curriculares nacionais/estaduais e pela/na plataformização do ensino da língua portuguesa, no caso do estado do Paraná.

Defender o ensino dos gêneros discursivos e da PAL/S, nas aulas de língua portuguesa, perpassa os limites pretensamente curriculares e educacionais; é, por sua natureza dialógica, um posicionamento sócio-ideológico, uma escolha política (Acosta Pereira, 2022). Defender uma didática que permita sustentar as práticas de linguagem de base dialógica é encontrar um caminho pedagógico assentado na criticidade, na transformação social e na emancipação do ser humano.

É nessa perspectiva que se encontram as duas pesquisas, expostas a seguir, cada uma realizando o processo de *configuração* – análise dos textos-enunciados, no estabelecimento de suas dimensões extraverbais e verbovisuais, a fim de determinar a possível estabilidade do gênero discursivo – e de *didatização* – proposta didática para inserção do gênero discursivo em sala de aula de língua portuguesa da educação básica.

O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de língua portuguesa

A pesquisa de Mendes (2022) procurou: i) analisar as dimensões extraverbais e verbovisuais do convite de casamento pela perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso; e ii) propor sua didatização para as aulas de língua portuguesa do ensino médio. Justifica-se a escolha pelo gênero discursivo inusitado – convite de casamento – por apresentar contextos de produção, circulação e recepção próprios, interlocutores envolvidos em suas posições ideológicas, conteúdo temático único, estrutura composicional definida e marcas linguístico-enunciativas peculiares, estudadas pela autora desde sua graduação, em projetos de iniciação científica (PIBIC) e trabalho de conclusão de curso (TCC).

A investigação ancorou-se em três eixos teóricos: os estudos de Bakhtin e o Círculo; os estudos acerca do casamento, tendo em vista a cerimônia de casamento como evento sócio-histórico-discursivo; e o eixo didático, fundamentado na Pedagogia Histórico-crítica – PHC (em especial, Galvão, Lavoura, Martins, 2019) e adaptado da proposta didática específica para os gêneros do discurso de Lunardelli (2021). Caracterizou-se por ser de natureza social, de abordagem qualitativa, com análise documental por amostragem. A geração de dados estabeleceu-se a partir de 10 convites de casamento, da década de 1950 até o ano de 2021, cedidos por 4 famílias envolvendo gerações distintas (pais, filhos, netos, tios e sobrinhos), por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁵.

⁵ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Unioeste: processo CAAE: 51655221.0.0000.0107; e parecer n. 5.021.275.

No que concerne à configuração do gênero discursivo convite de casamento, a pesquisa evidenciou mudanças significativas de relacionamento afetivo na sociedade, transformações e processos de construção familiar: de uma sociedade com valores mais conservadores para uma mais criativa e aberta para novos amores. De modelos tradicionais aos elaborados de forma artesanal, a principal modificação no gênero estudado diz respeito aos interlocutores: quem convida não são somente os pais, mas os noivos, que passam por nova configuração social.

Em relação às marcas de linguagem, estas aderem ao português brasileiro, na eliminação de pronomes de tratamento (V. Sa., excelentíssima família) e de colocações pronominais ênclise e mesóclise, por exemplo. Evidenciam-se imagens e símbolos, refletindo o estilo de vida dos casais, além de caricaturas dos noivos nos convites analisados, aproximando-se da descontração e do humor. Por fim, o uso de recursos tecnológicos impulsionou os casais a produzirem seus próprios convites de casamento. Com a tendência dos vídeos-convites e os convites *online*, há a redução com gastos em papelaria, tornando-se sustentável ecologicamente e facilitando a agilidade da entrega.

A segunda parte da pesquisa referiu-se à proposta didática para a inserção do gênero discursivo convite de casamento em aulas de língua portuguesa no ensino médio. O encaminhamento metodológico foi dividido em 6 etapas: i) revisitação do convite, para introdução do gênero; ii) reconhecimento do convite de casamento como forma de comunicação específica para diversos contextos sociais; iii) discussão sobre a esfera em que o gênero se encontra, a reflexão sobre o casamento como evento cercado de tradições que se formaram ao longo da história; iv) caracterização do gênero discursivo convite de casamento, via dimensões bakhtinianas; v) exploração da criatividade dos alunos, por meio da escrita e reescrita de convites de casamento; e vi) publicização dos trabalhos realizados.

Enfim, as contribuições dessa pesquisa de configuração e didatização do gênero discursivo convite de casamento refletem – e refratam – a diacronia humana em suas ideologias e seus discursos, o posicionamento social dos seres humanos com o casamento e as diversas formas de ensinar e de aprender a língua portuguesa, aliadas à ampliação do repertório dos gêneros discursivos como objetos de ensino-aprendizagem.

Uma proposta didática do gênero discursivo haicai brasileiro infantil para os anos iniciais do ensino fundamental

Similarmente à pesquisa anterior, a investigação de Barros (2023), sob a perspectiva dos estudos dialógicos da linguagem, propôs a didatização do gênero discursivo haicai brasileiro infantil que contemplasse, em seu escopo, o trabalho com as práticas discursivas leitura, escrita, oralidade e análise linguística. A pesquisa foi amparada pela pouca visibilidade dada ao gênero discursivo haicai brasileiro, como apontam as pesquisas de Lunardelli (2020; 2021), ao demonstrarem que, tanto nos livros didáticos quanto nos documentos educacionais, não há um trabalho efetivo e muito menos a sua didatização.

Barros (2023) também delimitou três eixos teóricos nucleares de estudo: i) os estudos dialógicos da linguagem; ii) os estudos sobre o gênero discursivo haicai brasileiro infantil; e iii) o eixo didático, em consonância com a PHC. Caracterizou-se a pesquisa por ser de cunho social, de abordagem qualitativa. Como percurso metodológico, a autora

procedeu: à revisão da literatura, discorrendo sobre o gênero haicai brasileiro infantil; à análise documental, cujo objetivo foi evidenciar, nos documentos educacionais federais, estaduais e municipais (Foz do Iguaçu-PR), se e como o haicai é mencionado como gênero a ser trabalhado; e, por fim, à elaboração de uma proposta didática do haicai brasileiro infantil para turmas de 4º ano do ensino fundamental I.

Ao analisar 12 livros de haicais infantis, a pesquisadora identificou traços próprios da cultura brasileira como, por exemplo, as festas juninas e o folclore. Ao mesmo tempo que os haicais infantis carregam a origem japonesa em sua composição, também ganham novas formas para o público infantil. Além disso, os haicais brincam com a ludicidade e com a imagem, o *haiga*, termo japonês para ilustração do haicai, desempenhando papel fundamental na compreensão do haicai brasileiro infantil.

Em relação à análise documental, Barros (2023) verificou a ausência de trabalho com os haicais no ensino fundamental I, nos documentos educacionais supracitados. Observando sua presença no livro didático adotado pelo município, os haicais foram mencionados quatro vezes em toda a coleção, comprovando o trabalho incipiente e sua pouca visibilidade.

Por fim, a pesquisadora propôs a didatização do haicai brasileiro infantil para aulas de língua portuguesa do 4º ano do ensino fundamental, também dividida em seis etapas: i) revisão do poema: o trabalho com os saberes prévios dos estudantes em relação ao poema; ii) reconhecimento do haicai brasileiro infantil, por meio de obras literárias; iii) dimensão histórico-social do gênero haicai brasileiro infantil; iv) práticas de leitura e análise linguística; v) escrita e reescrita de haicais; e vi) publicização e oficina de haicais.

O estudo de Barros (2023) contribui para a visibilização e a inserção do gênero discursivo haicai brasileiro infantil nas aulas de língua portuguesa. Os haicais infantis podem propiciar “o desenvolvimento do pensamento reflexivo, crítico e artístico, indispensável para a construção de uma sociedade que transforme o meio social em que está inserida” (Barros, 2023, p. 164).

Estudos multilíngues em escolas (ainda) monolíngues

As consideradas línguas minoritárias – outras línguas faladas no país e que não apresentam o mesmo prestígio do português – vêm buscando seu espaço dentro do contexto sócio-educacional. No entanto, as escolas ignoram essa realidade e atuam como se as diferenças existentes devessem ser “consertadas”, trabalhando como se o contexto fosse homogêneo, contribuindo, dessa maneira, para a construção de uma sociedade pretensamente uniforme (Cavalcanti; Maher, 2009). Afirmamos que nossa educação monolíngue inibe o olhar para uma realidade multilíngue.

Nesse contexto, é fundamental refletir sobre a formação de docentes nos espaços dialógicos fronteiriços. Até porque os estudantes, no contexto de fronteira em que nos encontramos, em Foz do Iguaçu, também são falantes de outras línguas, como o espanhol argentino, o espanhol paraguaio, o guarani, o chinês, o árabe. Portanto, é preciso ampliar a formação desse profissional, no sentido de poder “olhar” para sua própria translinguagem; é preciso “focalizar a complexidade dos processos sociais, culturais, políticos e históricos,

buscando entender as diferenças não como ameaça, mas como uma riqueza translíngua e transcultural” (Santos, 2017, p. 534). A fim de “romper o véu monolíngua” nas escolas e instaurar novos sentidos ao ensino da língua portuguesa, apresentamos duas pesquisas do Grupo ALEF que discutem a temática.

O ensino de língua portuguesa no contexto multilíngua de Foz do Iguaçu: uma proposta didática

A diversidade linguística mostra-se como um desafio no contexto educacional brasileiro, no qual o monolíngua ainda é praticado. Nesse sentido, reconhecendo-se a escassez de um olhar e uma didática que acolha e inclua alunos migrantes nas escolas, a pesquisa de Veber (2024) questionou sobre a possibilidade de refletir, nas aulas de língua portuguesa do ensino médio, acerca do contexto multilíngua existente no cenário fronteiriço de Foz do Iguaçu, podendo contribuir com o acolhimento e a inclusão dos alunos oriundos do Paraguai – paraguaios e brasiguaios. Dessa forma, a autora propôs uma pesquisa de natureza social, pertencendo à Linguística Aplicada, de abordagem qualitativa e de cunho interpretativista do tipo pesquisa-ação⁶.

Foram selecionadas quatro turmas do ensino médio do colégio em que a professora-pesquisadora atuava e que possuía um número considerável de alunos paraguaios e brasiguaios. A aproximação com esses alunos iniciou-se por meio de entrevistas, procurando direcionar o planejamento didático, as quais foram essenciais para desenhar o cenário: alunos brasileiros que não entendiam o sofrimento vivido por aquele que está longe “de casa”; alunos paraguaios e brasiguaios que relataram casos de exclusão – para Veber, foi um “abrir de olhos”, pois não fazia ideia de quão profundas eram as feridas desses alunos.

A partir das entrevistas, das anotações em diário de campo e de embasamento teórico referente às línguas, às fronteiras e ao ensino de língua portuguesa, a pesquisadora elaborou sua proposta didática, implementada em 10 horas-aula, dividida em três momentos. O primeiro momento, com quatro aulas, caracterizou-se como espaço de reflexões sobre as línguas e seus valores, com o intuito de: i) compreender como a língua reflete valores culturais e sociais; ii) promover discussões sobre a condição multilíngua do Brasil, desvendando o mito do país monolíngua; iii) abordar a cidade de Foz do Iguaçu como espaço transfronteiriço; e iv) explorar as influências culturais e históricas mútuas entre Paraguai e Brasil.

O segundo momento, com três aulas, abordava atividades práticas de mapeamento linguístico e elaboração da paisagem linguística do colégio, cujos objetivos eram: i) reconhecer as diferentes línguas presentes na escola; ii) promover a integração linguística de grupos minoritários; e iii) elaborar cartazes que destacassem as ações realizáveis no ambiente escolar para acolher e integrar os alunos migrantes.

Por fim, o terceiro momento, com três aulas, tecia reflexões sobre o trabalho realizado, com a finalidade de: i) estabelecer conexões por meio de exposição oral dos

⁶ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Unioeste: processo CAAE: 65916322.2.0000.0107; e parecer n. 5.826.857.

estudantes; ii) criar um *videocast* que registrasse as impressões dos alunos a respeito das atividades realizadas; e iii) promover um café literário em que, além de compartilhar reflexões e experiências, também realizasse apontamentos sobre todo o percurso percorrido da proposta didática.

Ao finalizar a proposta, Veber (2024) voltou a entrevistar os mesmos alunos da primeira vez, reconhecendo, em todos, mudanças de posicionamento: alunos brasileiros concretizaram o acolhimento e a inclusão do aluno migrante; alunos paraguaios e brasiguaios conseguiram se sentir pertencentes à comunidade escolar.

Para que as aulas de língua portuguesa sejam acolhedoras e inclusivas para os alunos migrantes, é essencial torná-los visíveis dentro das salas de aula. Isso pode ser feito por meio de reflexões com a turma sobre a importância de conhecer a língua e a cultura do outro, criar espaços para que os alunos compartilhem suas experiências linguísticas e culturais e implementar ações que tornem a escola mais multilíngue.

“Na escola sou brasileiro e lá em casa sou árabe”: a escola pública iguaçuense nos interstícios das línguas e culturas⁷

O contato entre diferentes línguas ao redor das escolas públicas brasileiras contrasta com o silêncio linguístico predominante em seu interior. A diversidade é frequentemente vista como um problema no cenário educacional brasileiro, onde o monolinguismo hegemônico ainda é amplamente praticado.

Esse é o caso de uma das muitas escolas monolíngues de Foz do Iguaçu. Embora as políticas públicas de educação pareçam sugerir que todos os alunos compartilham a mesma origem nacional, cultural e linguística, isso nem sempre corresponde à realidade. Especificamente numa escola municipal, houve um aumento no número de matrículas de alunos árabes, migrantes ou descendentes, especialmente após o fechamento de uma escola particular árabe-brasileira em 2019, intensificado pelas consequências econômicas e sociais da pandemia. Considerando que aproximadamente 8% da população de Foz do Iguaçu é composta por árabes e seus descendentes, propôs-se esta pesquisa para integrar melhor esses alunos nas escolas públicas municipais e desenvolver estratégias ou mecanismos para atendê-los de forma mais eficaz.

Dessa forma, foi investigado o processo de interação sociolinguística dos alunos provenientes de comunidades de ascendência árabe, no contexto de uma escola de ensino fundamental I da rede pública. Utilizando a Linguística Aplicada, foi realizada uma pesquisa qualitativa, empregando entrevistas semiestruturadas com pais e mães de alunos árabes ou descendentes, além da equipe pedagógica, e aplicando um questionário estruturado na turma selecionada, complementado por observações participantes registradas em um diário de campo.

Durante a pesquisa, constatou-se que a maioria dos professores não recebe a diversidade linguística e cultural sem alguma resistência, seja explícita ou implícita. Segundo Peixoto (2019, p. 60), “todo esse multilinguismo nem sempre é bem aceito, compreendido e

⁷ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Unioeste – número do protocolo: 52572621.6.0000.0107.

trabalhado no contexto escolar”. Embora o caminho não seja fácil, plenamente conhecido ou já mapeado por políticas específicas, é possível planejar e agir localmente, antecipando-se às políticas verticais (Rajagopalan, 2013) e até mesmo despertando a atenção dos tomadores de decisão. Mais do que simplesmente aceitar o "diferente", a sociedade iguaçuense precisa de escolas que acolham a diversidade, com professores e colegas empáticos, dispostos a criar ou encontrar caminhos alternativos. Mesmo sem conhecer todas as respostas, a disposição para desenvolver estratégias integrativas é um passo fundamental. É urgente ajustar a abordagem de acolhimento, transformando o problema em desafio.

Os resultados indicaram que os alunos migrantes enfrentam mais dificuldades para interagir com professores e colegas, preferindo a companhia de outros colegas árabes, enquanto os descendentes estão mais integrados ao grupo. Também foi observado que a gestão das línguas pela escola e sua interação com as famílias têm um impacto significativo, tanto quantitativo quanto qualitativo, nos vínculos estabelecidos.

Considerações Finais

Pretendemos, com este artigo, contribuir com a divulgação das pesquisas do grupo ALEF e visibilizar o trabalho desenvolvido no contexto acadêmico da Unioeste – Foz do Iguaçu. Também contribuir com o processo formativo de nossos pares, professores da educação básica, acadêmicos de graduação e pós-graduação, e todos aqueles que se dedicam, todos os dias, a acreditar que a realidade não está para ser constatada, mas para ser transformada pela nossa intervenção (Freire, 2004).

Apresentamos seis das inúmeras pesquisas já finalizadas, cujas origens remontam ao grupo de pesquisa que, com reuniões mensais, estuda, discute, pensa e reflete sobre as questões da linguagem de forma ampla, dialética e coletiva. Com objetivos específicos singulares, todas as pesquisas têm como base as duas teorias linguísticas (Sociolinguística e Estudos Dialógicos da Linguagem) que, por meio de metodologias diversas, dão sustentação às análises. Das pesquisas expostas, concluímos que ainda há carência do conhecimento e aplicação da teoria Sociolinguística por docentes de forma geral; que é possível realizar configurações de diversos gêneros do discurso e didatizá-los em sala de aula; e (se não, principalmente) que é urgente a proposição de políticas públicas educacionais voltadas para acolhimento de (i)migrantes nas escolas da educação básica.

Ou seja, neste complexo cenário da Tríplice Fronteira, aqui em Foz do Iguaçu, procuramos visibilizar a superdiversidade linguística, a atmosfera heteroglóssica. Acreditamos ser imprescindível fomentar pesquisas responsivas à vida social, híbridas e mestiças, situadas, que tenham como sujeito o ser sócio-histórico corporificado, reposicionado (Moita-Lopes, 2006). Indo além, nas fronteiras dialógicas, buscar o multi, o pluri, o diverso. Como escreve Alexandre Beck, pela voz de seu querido personagem do cabelo azul, Armandinho: “Não gosto de monocultura/ nem no campo nem na cidade/ prefiro riqueza de vida, cores, sonhos, pensamentos.../ multiculturas, pluripensares.../ gentediversidade!”

Referências

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica: reflexões para leitores iniciantes.** São Carlos: Pedro & João, 2022.

ALVES, Nilda. **A aula: redes de práticas – processos cotidianos de ensinar e aprender.** Rio de Janeiro: UERJ (tese de titular), 2000.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino da língua.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, [194-] 2013.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. *In:* BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: 34, [1952-1953] 2016.

BARROS, Elissandra F. C. Rios. **Uma proposta didática do gênero discursivo haicai brasileiro infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? – sociolinguística & educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25.05.24.

CAVALCANTI, Marilda C.; MAHER, Terezinha M. **Diferentes Diferenças: desafios interculturais na sala de aula.** Campinas, SP: CEFIEL/MEC, 2009.

COSTA-HÜBES, Terezinha da C.; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: o que ainda precisamos discutir? **Letras**, Santa Maria, v. 32, n. 64, p. 23-23, jan./jun. 2022.

DUARTE, Newton. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. *In:* MARTINS, Lígia M. DUARTE, Newton. (Org.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Anna Flávia L. **A variação linguística nas aulas de língua portuguesa: um estudo à luz da sociolinguística educacional.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2022.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago N.; MARTINS, Lígia M. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019.

GERHARDT, Ana Flávia L. M. Concepções de aprendizagem na BNCC: Bases ideológicas e efeitos no ensino de português. *In*: GERHARDT, Ana Flávia L. M.; AMORIM, Marcel Alvaro de. (Org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literatura**. Campinas: Pontes, 2019.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LADSON-BILLINGS, Gloria. But that's just good teaching! The case for Culturally Relevant Pedagogy. **Theory into practice**. The Ohio State University, Vol 34, nº 3, p. 159-166, 1995.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. O pensamento curricular no Brasil. *In*: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (Org.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010.

LUNARDELLI, Mariangela G. **Um haicai para o estágio, um estágio para o haicai**. Curitiba/PR: Appris, 2020.

LUNARDELLI, Mariangela G. Três gotas de poesia: a prática de análise linguística em uma proposta didática com o gênero haicai brasileiro infantil. *In*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da C. (Org.). **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João, 2021. p. 483-519.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 1530-1555, 2014.

MACEDO, Elizabeth. “A base é a base”. E o currículo o que é? *In*: AGUIAR, Márcia Ângela da S.; DOURADO, Luiz Fernandes (Org.). **A BNCC na contramão do PNE 2014–2024: avaliação e perspectivas**. (Livro Eletrônico). Recife: ANPAE, 2018.

MALANCHEN, Julia. **A Pedagogia Histórico-Crítica e o Currículo: para além do multiculturalismo das políticas curriculares nacionais**. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2014.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Paula Marina. **O gênero discursivo convite de casamento: configuração e proposta didática para aulas de Língua Portuguesa**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2022.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. *Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.*

NASCIMENTO, Kelin R. B. do. **“Na escola sou brasileiro e lá em casa sou árabe”**: a escola pública iguaçuense nos interstícios das línguas e culturas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2023.

PEIXOTO, Aline Josiane A. M. **Identidades e Fronteiras**: vivências e cotidiano em ambiente escolar de Foz do Iguaçu. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? *In: NICOLAIDES, Christine et al. (Org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013. p. 19-42.*

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Reforma curricular e ensino. *In: GERHARDT, Ana Flávia L. M.; AMORIM, Marcel A. de (Org.). **A BNCC e o ensino de línguas e literatura**. Campinas: Pontes, 2019.*

RAMOS, Marise N. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação? 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Maria Elena Pires. “Portunhol Selvagem”: translinguagens em cenário translíngue/transcultural de fronteira. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, p. 523-539, jan.-abr. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeus da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VEBER, Rosa Maria F. **O ensino de língua portuguesa no contexto multilíngue de Foz do Iguaçu**: uma proposta didática. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, [1929] 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin N. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In: VOLÓCHINOV, Valentin N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, [1926] 2019.*

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marco Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZWIRTES, Polyana. **A base nacional curricular** - uma análise à luz da sociolinguística educacional. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020.

Recebido em 15 de agosto de 2024

Aceito em 24 de outubro de 2024